



Gaiato



Quinzenário • 28 de Julho de 1990 • Ano XLVII - Nº 1210 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

SETÚBAL

• Na nossa casa da Arrábida estiveram, em retiro, quatro dias, duas dezenas de doentes.

É a segunda vez que um padre amante e cireneu dos que carregam a cruz da doença incurável, os congrega para se elevarem do peso da dor e da angústia da morte próxima, ao estádio da Esperança da Vida e do particular e pessoal carinho de Deus!

Chamados das longínquas terras de Braga e Algarve, calcorream quilómetros infindos de distância, transportados ao colo ou em carrinhos de rodas, sujeitando-se a todos os sacrifícios para viverem em comum, no poético ambiente da «Serra Mãe» a sua eleição geral de sofredores.

As vistas rasgadas da nossa casa, de incomparável fundura e beleza, o microclima de silêncio e comunicação mais o cantar suavíssimo dos melros e outras aves seleccionadas pela maravilhosa Arrábida, criam um ambiente propício e único à sublime ascensão de Deus que no derradeiro enunciado do poeta Sebastião da Gama é Poesia!... Poesia!... Poesia!...

Temas de reflexão de fundo foram algumas ideias d'Aquele que disse: — *Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e aliviavos-vos-ei* (Mat. 11, 28), vividas e expressas na experiência contemplativa do actual e próximo «salmista», autor do «Pelo sonho é que vamos»; doente incurável dos 14 aos 27 anos e vencedor ímpar do sofrimento, da angústia, e da tristeza.

A serra e a riqueza inspiradora da sua paisagem, aliada a uma Fé profunda e a um apego pessoal e crescente a Jesus e à Vida, foram as grandes alavancas da levíssima e perspicaz poesia de Sebastião da Gama.

D. Joana Luiza, noiva, esposa e viúva, «pastora» íntima e inviolável da riquíssima intimidade do Poeta, trouxe aos doentes, recordações pessoais e profundas da vida interior do seu Amado, vivo no Céu e no seu coração de mulher!

Naturalmente, que o grupo irá crescer, para aproveitamento deste espaço privilegiado e para alegria de todos os que o ajudaram a conquistar!

Aqui, foi mais fácil encontrar a Vida, a alegria e... a poesia de sofrer!...

• Os antigos gaiatos reuniram-se na nossa Casa, a 1 de Julho, domingo, para festejarem o encontro anual e o aniversário da fundação da Casa do Gaiato de Setúbal.

Tudo correu bem com os matizes novos próprios de cada união, provocada pela saudade e amizade dos rapazes, uns com os outros, e comigo.

Há sempre alguns que vêm de novo e se deslumbram com o espírito familiar que os uniu e revive nos abraços e nos relatos das peripécias juvenis que os

Continua na página 4

ENCONTROS

• EM LISBOA

A praia não é só isso. É tempo de experiência, de aprendizagem. Rapazes que crescem e se tornam homens. Dias depois da praia começar fui encontrar, na Arrábida, o Gil dirigindo e organizando. Era o chefe. Dezassete anos e a responsabilidade de sessenta rapazes. Jantou ao meu lado. Fez-me confidências: estava a ser difícil, era precisa muita paciência, tinha que repetir a mesma coisa muitas vezes, tudo era com ele: as portas, as janelas, a água, a copa, a cozinha, as bicicletas. Ele preocupado e inseguro: experiência nova, responsabilidades grandes. Escutei e fui vendo as coisas pelo outro lado: um homem a nascer, a experimentar as suas capacidades, a enfrentar os problemas, a lutar, a tornar-se adulto responsável. Estou em crer que, depois desta experiência, o Gil não será o mesmo. Até nos estudos a responsabilidade aumentará. Aqui também alegria nossa, neste tempo de férias.

Em S. Julião da Ericeira, num dia ao almoço, a alegria surpreendeu-me ao ver o Queiroz a presidir

Continua na página 4

Chegaram as férias! Chegou o tempo da praia! «Quando vou eu?» «E eu?» «E eu?»

Desejo do mar, do sol, do descanso, também da evasão e da liberdade... Alegria deles, trabalhos redobrados nossos, sobretudo das senhoras que têm que se dividir e arcar com mais responsabilidades. Mas, a alegria será só deles? Creio que é também nossa. Vejamos.

No alto da Arrábida, quando o mar se começou a avistar, o Miguel Angelo diz ao João Gentil: «Olha o mar!» O João, que nunca tinha visto o mar, olha um momento e na linguagem dos seus quatro anos exclama: «Eh, tão gande e... tem um ba(r)co gande!» Os olhos estavam cheios e no seu rosto percebia-se a contemplação. O «Formiga», também de quatro anos, não encontrou palavras para se exprimir ao contemplar o mar, pela primeira vez, do alto da nossa casa de S. Julião da Ericeira. Bateu palmas e todo o corpo se associou à festa, tal a abundância de pequenos saltos que deu. Isto é alegria nossa, sentida, recebida no coração... tesouro que ninguém nos pode tirar. Foi por intermédio da Obra da Rua que o João e o «Formiga» se deslumbraram, pela primeira vez, diante do mar. Alegria nossa, parte do nosso pão de cada dia.



Ilídio, frente à objectiva, pede a mão do Quintino porque, sentindo-se confortado na Obra que lhe dá vida e futuro, deseja testemunhar o facto aos nossos leitores. Pai Américo diria: — Isto é a Casa do Gaiato

Notas da quinzena

Escrevo estas notas do Calvário, onde vim passar algum tempo. Os doentes incuráveis, que encontraram, aqui, sua morada, ajudam a descobrir o sentido da vida. Quanto mais ela é dos outros mais nossa é.

Se conhecesses o coração do Pobre havias de querer o teu coração semelhante ao dele. Quanto mais de perto vivo com os Pobres mais pena tenho dos que o não são nem querem ser por trocarem valores humanos pelo dinheiro e pelo gozo da vida fácil. Nada os satisfaz. Quanto mais têm mais querem ter. O medo de perderem quando dão, leva-os a fecharem-se. Matam, assim, a fonte da Vida que está neles.

Só o Pobre é capaz de dar as mãos e, como o Pelicano, dar o sangue para que outros vivam.

Não parecia engenheiro nem pessoa bem colocada na vida. Pós a sua casa de material eléctrico à disposição da nossa e das casas do Património dos Pobres. No momento, não entendi bem. Explicou. Veio de família pobre. Foi ajudado. Saboreou a alegria de ter quem lhe desse a mão. Agora quer fazer o mesmo.

Chegou há dias uma viúva com seus filhos. O marido perdeu a vida num acidente de viação. Era uma mulher nova que trazia estampada no rosto a decisão de ser fiel e digna como o fora até então.

Tinham começado há pouco a fazer a sua casa e, de surpresa, ficou paralizada pela morte do marido. Vinha, por isso, pedir ajuda.

A freguesia onde vive dá as mãos. O pároco vai à frente e anima.

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASA DO «XAI-XAI» — Não tem sido fácil topar um mestre de obras para reconstruir esta moradia dos Pobres, bem cara ao coração de Pai Américo.

Agora, porém, surge luz no fundo do túnel! Um pequeno empreiteiro, apesar de muito ocupado, tomará conta do serviço que, grosso modo, ultrapassa os 600 contos; não contando alguns extras: sanitários, fossa, material eléctrico, etc.

Quando escutámos os números, ficámos mudos. Mas hoje é assim. Qualquer obrinha fica por uma *fortuna*, neste mundo de inflação permanente.

Continuam a chegar mãos abertas partilhando algo para esta *aventura* que revitaliza a Fé e a Esperança. Mas é preciso mais! Muitos mais, para não sacrificarmos a boca de Pobres que precisam de tudo para viver.

A única presença que se identifica na *procissão* é a assinante 23311, de Setúbal, com cheque de 5.000\$00, «*migalhinha para ajuda da compra de cimento e telhas*». Por fim, diz: «*Se todas as pessoas que podem contribuir*» dessem a mão, «*haveria menos Pobres à espera de uma casa digna*». Certo!

PARTILHA — Presença de velha Amiga, do Luso. Dez mil, de Espinho, «*para o que julgarem mais necessário*». É o primeiro semestre de 1990. Pel'O GAIATO sei se aí chegou o cheque». O mesmo, de Sintra, «em memória de Amélia Maria».

Quatro mil, de Manuel de Braga, «*para as irmãs viúvas e quero que esta oferta seja para prestar a minha homenagem à Rainha Santa Isabel*». O problema da vividez continua a despertar a atenção dos nossos leitores! Aí temos a assinante 28632, da Capital, com um cheque de 5.000\$00.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Recomeçámos a colher a batata. Promete ser um ano proveitoso.

O milho e o feijão continuam a ser regados, os tomates estão bonitos, os alhos foram arrancados. Esperemos que o tempo seco não estrague as colheitas.

OBRAS — Os pedreiros, finalmente, completaram os banheiros e já lá vamos tomar banho. Estão muito bonitos.

CARAS NOVAS — Na passada semana, acolhemos um rapaz de Pombal, chama-se Zé Domingos. Esperamos que tenha encontrado uma vida melhor para o seu futuro.

VISITANTES — Temos recebido algumas visitas em nossa Casa. Destacamos: Um grupo que no dia 30 de Junho passou o dia connosco e repartiu o almoço com a gente e da parte da tarde ofereceu-nos uma festa.

Mais um grupo, de catequistas; outro, de uma escola; alguns casais amigos interessados em conhecer a Obra de Pai Américo.

DESPORTO — Em 7 do corrente realizámos um desafio para o torneio e perdemos com o Cadaixo por 2-1. Passámos à fase seguinte.

CONVÍVIO — O dia 1 foi o encontro dos antigos Gaiatos, muito cheio e de muita festa. Gostámos muito da Festa. É pena que seja só uma vez em cada ano!

Ángelo

LAR DE COIMBRA

NOTAS FINAIS — Mais um ano lectivo que já chegou ao fim e com certeza que cada um viu através das pautas se estava passado ou não, pois, as notas obtidas dependem do esforço desenvolvido durante o ano lectivo.

Pois, no nosso caso, houve quem passasse e quem chumbasse e através das notas finais verificou-se que, no Lar houve uma grande queda no aproveitamento dos nossos rapazes, principalmente, no 7.º ano unificado.

Nesse ano não tiveram aproveitamento suficiente para transitar, ficando, assim para trás as hipóteses de alcançar novos objectivos. Enquanto, que os outros transitaram todos, mas, mesmo assim, este ano lectivo foi um dos piores que já tivemos e onde as notas não foram assim tão boas.

Para o ano, esperamos recuperar e superar as dificuldades que nos aparecem pelo caminho.

Queremos agradecer à Cooperativa de Ensino de Coimbra o bom acolhimento que sempre nos dispensa, pois os gaiatos têm sempre ali a porta aberta e os Professores tratam-nos com muito carinho, como se fossem os nossos pais.

Se não aproveitamos a culpa é nossa.

Carlos Zé

Praia de Mira

Começou mais um ano balnear e já temos cá o segundo grupo que veio para gozar as suas férias e aproveitarem o tempo de descanso que lhes é oferecido à beira-mar, pois, o primeiro grupo já se foi embora e com algumas saudades e recordações de tudo e de todos. Temos também entre nós os nossos rapazes da nossa casa do Tojal que vieram em grupos de 10, visto que, os outros estão a passar férias nas outras casas, por causa da impossibilidade de utilização da sua casa de praia, por razões prévias. Toda a nossa malta gosta de os ter cá e é uma alegria conviver com eles enquanto estão entre nós.

Por outro lado, o mar tem-se mostrado mais ou menos bom para os pescadores poderem pescar e para que se possa tomar um banho na água desse mar que nos é precioso e importante para as nossas férias. As redes têm vindo carregadas quase todos os dias de bom peixe que regalamos a nossa vista. A praia tem estado cheia e com certeza toda a gente aproveita ao máximo os banhos de sol. Boas férias a todos.

Carlos Zé

TOJAL

COMUNHÃO — No dia 24 de Junho realizou-se, aqui em Casa, a primeira Comunhão de 9 rapazes, todos muito

contentes. A seguir ao almoço foram na carrinha dar um passeio. Um dia feliz!

FÉRIAS — A partir de dois do corrente começaram as férias. Como ainda não temos a nossa casa arranjada, vamos passá-las a Setúbal e a Mira.

AGRICULTURA — A batata colhida está a sair boa e bonita. O melão tem uma linda flor. As peras estão quase prontas. O feno será enfardado por ser mais fácil guardá-lo no palheiro.

PISCINA — Já temos o tanque a funcionar; mais um ano a substituir a piscina que pensamos tê-la em 1991.

FUTEBOL — Ficaremos dois meses parados, os jogadores vão para descanso. Esperamos voltar com mais calma e concentração depois de umas longas férias.

Luis Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O encontro foi no largo do Viriato. Era uma visita especial e connosco foi um novo vicentino e amigo. Há muito que ele se sentia inquieto; a leitura de O GAIATO foi o transbordar. Queria amar sem ser amado. Veio até nós pronto a ajudar os irmãos mais necessitados. Os afazeres tomam-lhe o tempo todo; mesmo assim encontrou algum disponível e vontade de fundar uma Conferência Vicentina na sua freguesia, pois mora e tem consultório fora do Porto.

A caminho do *casarão* levávamos connosco o receio pelo nosso acompanhante, mas depressa se desvaneceu ao vê-lo subir os primeiros degraus para o quarto das gémeas, de que ele estava ali para servir.

Quando amamos o Próximo, não são os degraus podres, sem luz, os cheiros nem as mentiras de quem visitamos que nos impedem de levar ajuda, compreensão e amor. Ele viu, ouviu; ali mesmo trabalhou.

De regresso, e depois das despedidas, a Adelaide murmurou: «*Parece os nossos padres da Casa; não esperou que os Pobres fossem até ele; veio ao encontro deles*».

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Os nossos amigos partilham connosco as dificuldades dos Pobres: «*Acabo de ler uma notícia da Conferência do Lar do Porto em que choravam o dinheiro que tinham, só ter chegado para a compra de uma cama para a família do casarão e para a mãe de cinco filhos. Este desabafo vem a propósito da tal cama que foi sem colchão, pelo que, assim, para pouco serviria. Há para lá montes de colchões que deviam ser dados. 100\$00 para a pobre mãe de cinco filhos. Embora doente, cá me vou arranjando com ajuda de pessoa amiga. Assinante da casa dos 100*».

Da Holanda, para Conferência S. Francisco de Assis, 7.000\$00. Da rua Campo Lindo, com saudações vicentinas, 10.000\$00 «*para ajuda dos vossos protegidos*». Anónimo, 5.000\$00: «*Leio O GAIATO de fio a pavio, mas sempre em primeiro lugar as notícias do Lar do Porto sobre a Conferência de S. Francisco de Assis*».

«*Fiquei bastante perturbada com o caso da mãe de seis filhos. Para a cama que vocês compraram, envio uma pequena importância para ajuda do colchão. Aceitam géneros para encher a cozinha? J. D.R.*».

Uma grande parte da ajuda que damos, é em géneros alimentícios. A melhor maneira de assegurarmos a alimentação das crianças.

Informamos a Dr.ª Margarida que valerá a pena os livros escolares. A Ilda passou, apesar das suas dificuldades.

Zé Alves

PAÇO DE SOUSA

PRAIA — O primeiro turno chegou. Todos morenos e a alegria era tanta que alguns já tinham saudades dos amigos.

O segundo já partiu para o seu descanso. Esperemos que eles também venham morenos e alegres das boas férias.

VISITANTES — Mesmo com o calor que se tem sentido a nossa aldeia não deixa de atrair os visitantes. É uma grande alegria receber as visitas de todas as partes do País.

Alguns vêm iludidos com a nossa piscina.

Obrigado pela vossa visita, continuem a vir, porque nós somos a porta aberta.

OBRAS — Elas continuam no mesmo movimento em que começaram; portanto esperamos que elas também acabem com o mesmo movimento para recomeçar na nossa casa de Azurara.

Estamos todos à espera, já há muitos anos que esperamos por uma remodelação da casa.

Lupricínio

Associação de Antigos Gaiatos

• SETÚBAL

1 de Julho de 1990. Uma data, duas comemorações: 35.º aniversário da Casa do Gaiato de Setúbal, 9.º aniversário da Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal.

«*Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão*». Assim aconteceu, com simplicidade, muita profundidade, criando e mantendo entre todos, os de dentro e os de fora, uma força espiritual familiar, todos como irmãos, filhos da Obra da Rua, de Pai Américo.

Domingo foi dia grande! A festa começou logo de manhãzinha. Um ambiente já esperado; assim tinha de ser. Os corações pulam de entusiasmo. A Natureza sorri. É domingo, dia do Senhor.

Às dez horas, a sineta que é mestra, toca as badaladas para a celebração Eucarística. Na Capela cheia de baptizados, entoamos o cântico de entrada.

O nosso Padre Acílio, fala da nossa presença de baptizados, que o somos em Cristo. E diz que o Baptismo é a primeira de todas as consagrações.

«*Meus rapazes, meus irmãos, meus filhos, qual é o esplendor da verdade? A Palavra de Deus, portanto; procurai abundantemente ouvir a Palavra de Deus para vos aconselhardes uns aos outros. Só tem sabedoria quem mergulha na presença de Deus*».

O problema social também foi referido: — Uma família tem de ter estruturas

DESPORTO — Alguns dos nossos atletas estão de férias, mas outros continuam com os trabalhos.

Não temos realizado jogos porque estamos em grande preparação da equipa para o torneio inter-Casas.

Se alguém tiver por lá material desportivo de sobra, aqui nunca é demais.

16 DE JULHO — Na véspera por ser Domingo, realizou-se a habitual festa dos antigos gaiatos e na qual também foi celebrado o aniversário da morte do nosso Pai Américo.

Na parte da manhã, houve provas de atletismo entre os gaiatos actuais e os filhos dos antigos gaiatos. As provas foram ganhas pelos nossos rapazes.

Também se realizou um encontro de futebol para os pequenos gaiatos actuais e os pequenos filhos dos antigos gaiatos. O jogo foi ganho pelos filhos dos antigos gaiatos: 3-2.

Às 11 horas foi posta uma coroa de flores no túmulo do nosso Pai Américo, pelos antigos gaiatos; depois seguiu-se à celebração eucarística; em seguida o almoço. Os cozinheiros estão de parabéns!

À tarde houve variedades; conversas, piscina e também contou com a participação do Agrupamento Musical os MIGMAC, constituído por antigos gaiatos. Ao fim da tarde a sardinhada e as febras fizeram de lanche e de jantar.

Foi uma festa grande, um saboroso encontro dos nossos irmãos mais velhos com os mais novos.

Um grande abraço para todos os que não puderam participar na festa.

Américo Correia

com dimensões importantes; um emprego, um salário justo, estruturas culturais e religiosas.

Efectuámos a eleição da Direcção da Associação, para 1990/1991: Joaquim Vilhena, Domingos Vieira Lopes Taia, José Manuel Rodrigues, Lemitos, Manuel Leitão e Américo Correia.

Seguidamente, foi o almoço. Mesas postas no corredor, todo decorado. Tudo em família; os mais velhos serviam os mais novos. Pratos bem confeccionados. Tudo no devido lugar. O nosso cozinheiro, o Octávio, está de parabéns.

À tarde, a piscina foi uma tentação permanente para os mais decididos. Não faltaram mergulhos e brincadeiras!

Disputámos um renhido jogo de futebol, e mais uma vez os gaiatos casados perderam; os novos, com melhor compleição atlética, menos pançudos, conseguiram ganhar por 5 - 2. Parabéns. No final do jogo foi entregue a taça ao capitão, com todo mérito.

Ao fim da tarde compareceu o nosso Padre Cristóvão com rapazes do Tojal, confraternizando com toda a família.

Agradecemos aos nossos amigos as ofertas que proporcionaram para o nosso encontro: Mundial/82, Alberto Capucho, Sumos SURF — Vida, E. Fortuna, Emídio de Oliveira e Filhos Lda, Panificador Azeitonense, Frigorífica Setubalense, Manuel Ribeiro Neves, José Forminha, Palmira Simões e Fernanda Simões.

Américo Correia

DOCTRINA



Felizes os que sabem dar com inteligência e amor
SALMOS

• Eu quisera que toda a gente soubesse a minha admiração por aquelas mãos que acudiram ao grito e deram imediatamente um lençol de linho para as feridas «da do colete de gesso». Sem desprimor para ofertas semelhantes, é uma lição de economia que sabe prevenir para bem remediar. Faz lembrar o «guarda para uma doença» como dantes nossas mães diziam, enquanto dobravam, no fundo das arcas, lençóis de linho puídos do tempo, gastos das barreiras, remendados, cansados de servir. Este era assim e estava guardado para uma doença.

• Conhece-se perfeitamente no dar, quem alija coisas por enfado ou quem dá coisas por amor. Mas, como é certo que a Caridade tudo suporta, aceita-se tudo em silêncio, chorando muito mais a sorte do rico que não sabe dar, do que a do Pobre que precisa de receber.

• A nossa doente encontra-se em estado de muita impaciência, por causa das dores que tem e do mau cheiro que exala. Não tem roupas, nem medicamentos nem alimentação; e, para responder a tanto precisar, nada mais tem no mundo, além das mãos pobres das Criaditas deles. Reza ao nosso Bom Deus, não vá ela desesperar. Os nossos Irmãos que sofrem, estão presos à vida pelo fio de orações dos verdadeiros discípulos de Jesus, que são todos aqueles que provocam, nos pagãos de hoje, o «vede como eles se amam» dos pagãos d'outrora. Os médicos deveriam, da mesma sorte, rezar pelos doentes, que nisso fariam mais e melhor do que aqueles que, louvavelmente, têm sacrificado bens e vida para debelar as grandes doenças do mundo.

• Nem todos compreendem esta música alta, sobretudo quem está constituído em grandezas e se deslumbra na glória do mundo. Mozart e Beethoven não compuseram para toda a gente! A divisa dos homens que escolhem na terra a missão de curar homens, deve ser lida pelo doente, não tanto no saber como no coração: animar, aliviar, consolar sempre; curar... algumas vezes!

• O sacerdote, que também é médico das almas, esse cura sempre, mediante uma pintinha de boa vontade do lado do doente, porque alivia, anima, consola. E se não cura médicos, é somente porque, moços ainda, brincam com cadáveres e mais tarde levam a vida na mesma, cuidando que são cadáveres, eles mais os seus clientes! Como há-de ser espantoso o «ai!, que errámos», quando os homens encontrarem na outra Vida o que nesta perderam: a alma. E que poderão eles dar então, para desfazer o engano?!

P. Américo S!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

CONVÍVIO DOS GAIATOS DE BENGUELA

Com o despertar da mente e do bom senso dos homens da nossa terra, Benguela parece querer ressuscitar e aparecer no seio da família a que já nos habituámos.

Hoje aparece Benguela como nota; e amanhã, quem saberá, que reconsidere os homens e vença o bom senso, Deus iluminará e o Pai Américo se encarregará do resto e então passaremos a ter *Areias do Cavaco* espalhadas por Angola que precisa delas.

ENCONTRO EM SETÚBAL — Sob o calor do dia 8 de Julho e nas praias do Sado, encontraram-se no Lar de Setúbal os antigos gaiatos de Benguela, residentes em Portugal e Angola, que decorreu no mais amplo espírito de fraternal amizade. Caracterizou-se em três partes distintas, todas elas riquíssimas, cheias de vivacidade e acolhimento.

Primeira parte: No período da manhã, recepção, abraços de irmãos que se encontram, lágrimas de saudades, pequeno-almoço e um pequeno passeio pedestre pelo Lar e mar (praia).

Segunda parte: Ao meio do dia, reunimo-nos à volta da Mesa do Senhor com a presença amiga do nosso querido Pai Américo.

Alguns, esquecidos dos rituais e dos cânticos, mas com um pequeno ensaio, tudo voltou ao normal. Na hora da Comunhão não faltou quem fizesse parte do Banquete.

E porque uma está associada a outra (nem só de pão vive o homem ou vice-versa) no fim da Missa tivemos uma mesa cheia e rica, da boa especialidade do Melo, esposa e filhos. O almoço decorreu com alegria: reporteres fotográficos, berros à «Navarro», boa música angolana, cantada e dançada à moda do «Tchimutue», etc.

Terceira parte: Muito importante. Como toda a família tem princípios próprios no que concerne à educação e à resolução dos problemas no seio da mesma e porque o nosso passado e os encontros realizados nos permitiram chegar a esta conclusão de que somos uma família de verdade, quisemos reunir-nos em volta de três aspectos fundamentais: Obra da Rua, sua continuidade em termos de timoneiros; Associação dos Antigos Gaiatos de Benguela; problemas de rapazes e sua resolução; caso concreto do nosso Vasconcelos e família.

Conclusão: A Obra da Rua, que fez de nós homens, cada vez tem menos padres; preocupa-nos, mas é altura de nos tranquilizarmos, pois o nosso Padre Manuel assegura-nos novos Padres para a Obra, aguarda autorização superior do Bispado. Deus queira que sim.

Benguela terá uma Associação (Núcleo dos Antigos Gaiatos de Benguela). Aguardamos o acerto dos estatutos. Juridicamente diferentes e adaptados à sociedade em que vivemos.

Contudo, contamos na primeira oportunidade para nos encontrarmos com as Associações existentes para troca de impressões e expormos o nosso ponto de vista.

Vasconcelos é um irmão que vive em Portugal com a sua família, esposa e três filhos, todos em idade escolar; cego, há dois anos para cá, não trabalha, não tem rendimentos nem recebe pensão da Segurança Social. Honestamente precisa

de uma ajuda, que pudesse libertar a esposa num dos períodos do dia (a noite), pois trabalha dia e noite para poder suprir os compromissos.

Caro amigo, com a tua amizade, ajuda, estamos empenhados nesta tarefa; criámos um grupo de acompanhamento formado pelo Padre Manuel, Júlio Pires e José Serrão.

Em nome dos gaiatos de Benguela, que eu representei, o nosso muito obrigado à Casa do Gaiato de Setúbal, Padre Manuel, Melo e família, Zeca Serrão, etc.



NECROLOGIA — Faleceu, em Junho, D. Luísa Luz, professora primária, durante muitos anos em nossa Casa de Benguela, responsável pela instrução de centenas de rapazes nossos. Paz à sua alma.

NECESSIDADES — O Clube dos Antigos Gaiatos de Benguela, inscrito

nos Campeonatos em Angola, em várias modalidades (Futebol, Andebol, Atletismo, Boxe e Xadrês), enfrenta grandes dificuldades em equipamento e material desportivo para treino e competição. As ofertas podem ser entregues na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

José Gabriel («Navarro»)

Tribuna de Coimbra

O pão repartido tem sempre melhor sabor. E quando é fruto de renúncia tem o sabor do pão do Céu que o Pai nos dá.

Tem sido a época da visita de grupos, especialmente paroquiais, de catequese. Vêm de passagem ou passam o dia connosco. Para as crianças somos sempre um mundo novo. Revelamos um mundo sombrio. Um mundo desconhecido que queremos revelar. Há muitos olhos e vidas que ficam espantados até ao fim.

Os acomodados, geralmente, não vêem. Não acreditam. Procuram não se incomodar. «Então ainda há Pobres?!» — ouvimos, às vezes, de algumas bocas. Que angústia nos fica no coração!

Vêm grupos escolares com seus professores e têm aqui uma lição.

Vêm deles pastorais e fazem aqui encerramento de actividades anuais.

Vêm outros conviver. Todos sentem aqui bom lugar.

Todos levam e todos deixam. Eis:

Um grupo do Bonsucesso encheu a nossa Casa. Com muitas coisas deixam 151.500\$00 e a insistência para fazermos a Festa em Aveiro. Ganham. Foi uma grande Festa! Grupos de Figueiró dos Vinhos e de Pedrógão Grande. Peregrinos de Arganil. Grupo de escuteiros. Grupo de Penacova. Alunos e professores da Escola de Mortágua. Alunos e professores da Guarda. A paróquia de Almalaguês. Catequistas de Aljubarrota. Paróquia de Maças de D. Maria. Escola da Pedrulha.

Uma carta com cheque a dizer: «Pouco depois de ter lido O GAIATO recebi o meu ordenado do mês e o subsídio de férias. Pareceu-me que nenhuma aplicação melhor poderia ter este último do que entregá-lo ao Património dos Pobres. Aqui vai. Deus terá em conta a boa vontade. Voltarei mais vezes, se Deus quiser».

Outra carta com cheque: «Além

de pedir saúde e forças para a continuação do trabalho, venho enviar uma pequena contribuição para as férias dos vossos queridos rapazes». É dum sacerdote que aparece muitas vezes.

Os nossos rapazes inscreveram-se num campeonato de futebol. Quando estava a assistir a um jogo veio um dos nossos entregar vinte contos que o árbitro nos tinha oferecido. Fruto do seu trabalho que quis dar «para ajudar a criar estes meninos». Esta oferta e o bom resultado do jogo deixaram-me muito feliz.

Mais pão, de Aveiro; e de Montemor; e de Castelo Branco; e de Mealhada; e de Bruçó; e de

Miranda; e de Leiria; e de Ansião; e de Alcorochel; e de Leiria; e de Arganil; e de Soure; e de Pombal; e do Avelar; e de Caldas da Rainha; e da Pereira; e de Mira; e de Amadora; e de Santarém; e da Figueira da Foz; e de Braga; e de Mortágua; e de Cabeçudo; e da Maia; e de Vila de Aves; e de Ceira; e de Fátima; e de Anadia; e de Cantanhede; e de Lisboa; e da Marinha das Ondas; e de Vieira de Leiria; e de Alcaldaria; e de Queluz; e de Lagos; e do Fundão; e da Lousã; e da Pampilhosa; e da Damaia; e da Sertã; e do Tortosendo; e da Redinha; e de Vilar Formoso; e de S. Jorge.

Muitos pedaços de pão de Coimbra, levados ao nosso Lar; deixados na Casa do Castelo; entregues pelo correio; depositados em nossas mãos; confiados aos nossos distribuidores d'O GAIATO.

Passei junto do Sacrário a agradecer ao Senhor.

Padre Horácio

PARTILHANDO

• Recordam-se da carta da Irmã Maria do Céu e do apelo feito a favor da mãe heroína? Vamos a contas? Bem queria... Mas como poderei pôr em números um gesto de ternura? Mil gestos de ternura? E que página poderá conter a beleza da vossa generosidade? Não sou capaz! Digo, somente, que a água pura extravasou da pia cristalina e foi regar outras plantas.

«Se visse a alegria daquela mãe» — disse ao telefone a Irmã Maria do Céu. E continuou: «Pagou-se a cozinha e sobrou. Sobrou! Isto foi um milagre de Deus!» E foi minha Irmã. O Espírito do Senhor, dentro dos corações, transforma os mais pequenos gestos em milagres de amor; e coloca-os na linha do Infinito, do Eterno. Agradecer a todos? Também não... Não há palavras. O Senhor sabe e soma. Ele não se engana.

• Veio uma grande excursão: Palavras e palavras; saquinhos e saquinhos; «comes» de dinheiro. Viram tudo.

Depois, na Capela, fiz o meu discurso: Pai Américo e sua vocação;

começo da Obra, precisamente, aqui, em Miranda do Corvo; as outras Casas; as oficinas e o trabalho; o papel e o lugar das senhoras em nossas Casas do Gaiato; e, neste aspecto, a grande crise de vocações entre tantas que não tendo obrigações familiares, se poderiam dedicar às crianças e aos doentes.

Li nos olhares dos mais velhos, uma certa piedade; e no dos mais novos, um certo desencanto.

Montanhas difíceis de escalar! Tão longe dos seus objectivos!

Neste momento apareceu o Manuel com duas lágrimas brilhantes a deslizarem... O pai nunca o reconheceu e a mãe fugiu para a França. A sua avó, já velhinha, não o pode ter. As saudades nos olhos do neto, dizem que ela deve ser carinhosa.

E foi com o Manuel o final do nosso encontro:

As suas lágrimas saudosas! A sua sede angustiada de carinho!

As mãos carinhosas de uma mãe para secarem aquelas lágrimas!

Que estas entrem no teu coração e fiquem lá a rolar como dois calhaus roliços, para tu as sentires.

Padre Telmo

O nosso Jornal

Sempre assim é. Mas esta semana, décima quarta do Tempo Comum, em que lemos aquele trecho de S. Mateus no qual Jesus nos fala da preferência do Pai pelos pobres, pelos humildes, pelos pequeninos, a quem revela os Seus segredos, «decerto porque assim é do Seu agrado» — esta semana, dizia, o correio foi particularmente pródigo em testemunhos de luz e de amor a legendar mensagens e dons recebidos de pessoas desta sorte: pobres, humildes, pequeninos.

Também, «decerto porque é do agrado de Deus», estas mensagens e dons são para nós força e riqueza, maiores do que a que nos pode vir dos poderosos e dos ricos, a menos que estes sejam discípulos de Jesus e procurem alcançar um coração manso e humilde e pobre como o d'Ele. Nas horas mais duras, por dificuldades que se levantam ou pelo desgaste da humana fragilidade posta à prova, estas cartas trazem-nos o bafo carinhoso do Pai, são como suave brisa que refresca e revigora. Mal sabe quem as escreve o bem que nos faz. Elas revelam, «decerto porque é do agrado de Deus», que esta Sua Obra é nossa, sim, enquanto Ele nos chama a servi-la, mas também é de uma multidão que só Ele conhece, a qual comparticipa no levar da cruz que, mais directa e visivelmente; pesa sobre os pobres ombros dos obreiros de dentro. A nossa Obra é de Cireneus. Uma Família grande, tão grande que não cabe nos limites das suas Casas e conta membros dispersos por esse mundo, verdadeiramente vinculados pela disponibilidade dos corações que não procuram defen-

ENCONTROS

• em Lisboa

Continuação da página 1

à mesa dos mais pequenos. Em casa é conhecido como um duro, precisamente para os mais pequeninos. Ali, pacientemente os servia, lhe distribuía o pão, os ajudava na fruta e os corrigia. Anúncio de boas novas? E se este tempo de praia lhe trouxesse o dar a volta à vida?! Homem a nascer, a libertar-se, sabe Deus, de quantas ruínas amontoadas. Alegria e esperança!

Há dias, ouvi alguém, diante da necessidade de dar uma ajuda, dizer que precisava de «viver a sua vida». A sua vida era o seu egoísmo, a sua solidão. Ela, centro do mundo. Encontro marcado com o vazio. Nunca sentirá a alegria do dar-se. O centro da vida humana, não está em si própria, mas está nos outros. O coração não é para si próprio, é para os outros. O amor exige abertura e dádiva a outrem.

P.S. Agradecemos aos amigos que, antes de partir para férias, se lembraram de nós. Assim, são mais férias, levam o calor da partilha.

Padre Manuel Cristóvão

der-se das dores alheias, antes se abrem a comunhão-las. Esta é a nossa força, a nossa autêntica riqueza.

O ser de «porta aberta» da Obra da Rua é um sinal sensível e eficaz deste romper de corações pelo sofrimento dos outros, aprendido do único Mestre que, depois de ter «amado até ao fim». Se não furtou ao epílogo do coração rasgado pela lança do soldado, fonte de todos os Sacramentos. Esta forma de ser não é um aspecto extrínseco da Obra; é parte essencial do carisma de Pai Américo. E como um carisma é dado a um homem por amor e em favor dos homens, «assim foi, decerto, porque é do agrado de Deus».

O nosso jornal é o portador desta inquietação de que Pai Américo se deixou possuir, da qual contagiou e continua a contagiar tantos, pobres, humildes, pequenos aos olhos do mundo, mas inteligentes do Evangelho que nos ensina que para ganhar a Vida é preciso aprender a perder a vida.

Comecei na intenção de transcrever passos de correspondência recebida esta semana, iguais ou parecidos à que sempre recebemos... e perdi-me neste discorrer.

SETÚBAL

Continuação da página 1

envolveram, se amadurece e alarga às mulheres e aos filhos.

Alguns vieram do estrangeiro, dos Açores, das longínguas terras do Norte e do Sul onde estabeleceram a sua vida!

A vertente religiosa (como agora se diz) e o desenvolvimento da piedade pessoal e familiar foram a pedra de toque da minha pregação, à volta do Altar, acentuando que homem nenhum corresponde totalmente à sua dimensão humana sem a vivência da Fé.

O Padre Américo deixou esta verdade bem clara no condensado e resumido pensamento: *A vida espiritual é o centro*. Sem vida religiosa, o homem afunda-se, ou no culto de si mesmo, ou da sua posição económica e social ou na descida vertiginosa da vaidade, do egoísmo, do materialismo ou sensualismo.

«A vida espiritual é o centro.» Sem centro não há circunferência. Sem Deus não há Vida.

Duas grandes recordações me deixou o dia 1 de Julho de 1990: 1.º — A extensíssima mesa onde todos se saciaram e conviveram e à vista da qual saboreei o cumprimento da promessa infável de Jesus (em Mat. 19, 29)... «E todo aquele que tiver deixado, casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos ou terras por causa do Meu nome, receberá cem vezes mais e terá por herança a Vida Eterna». 2.º — A saborosíssima partilha de

Pois aqui vai, a ilustrar o que vai dito, esta passagem de uma imigrante portuguesa na poderosa Alemanha, mulher forte, resistente, que não se deixou deslumbrar pelo fascínio da riqueza nem cilindrar pela máquina pesada que a procura.

«Hoje chegou o jornal. Como sempre, começo a leitura 'Pelas Casas do Gaiato' e termino (quando vem) com a 'Doutrina'.

Como sempre, também, depois de o ler, 'aborrecida' (?) e incomodada, digo a mim mesma: para que leio eu o jornal se só me incomoda? — o que não é verdade o 'só'.

É que fico, realmente, incomodada por nada poder fazer para minorar tanta infelicidade. Mas porque, ainda que diferente, também me cabe uma parte dela, e é no meu Gaiato que melhor lenitivo encontro (porque o tempo da leitura é sempre, também uma aproximação com Deus — eu sinto que é) volto sempre a lê-lo e relê-lo. Às vezes até me custa dá-los por ficar impossibilitada de tornar a lê-los.

Aí vai, pois, a minha pequena partilha e com ela a alegria de a poder dar, mais o meu obrigado para todos vós por me darem a pos-

sibilidade de o fazer — e de muito mais que me têm dado ao longo de trinta e cinco anos, julgo.

P.S. — Tenho recebido tanto que nunca me atrevi a pedir nada. Hoje, porém, veio a tentação de o fazer. Pedir-vos para pedirdes a Deus pelo meu filho. Há quantos anos LHE peço que o guarde de todo o mal — moral e físico: que lhe dê sempre uma alma sã em corpo são. Sinto-me angustiada pelo receio que se 'extravie' — influências de uma moderna filosofia, em que o Bom,

o Bem, a Dedicção aos outros, a Gratidão é julgado como pieguice. Mas continuo a esperar em Deus, mesmo e apesar de ver a injustiça e egoísmo se manterem firmes e impunes.»

Como agradecer a Deus a bondade com que nos conforta?

Louvando-O como Jesus nos ensinou: «Eu Te bendigo ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos pequeninos».

Padre Carlos

Novos Assinantes

A procissão tem uma vitalidade com o mesmo fervor da primeira hora!

«Sou assinante d'O GAIATO e através dele sinto mais perto de mim a grandeza de Deus. É algo que nos enche a alma. Por via disso, lembrei-me de uma pessoa que pressinto esteja a passar um mau momento e não tem qualquer familiar que o possa ajudar, espiritualmente, pois é dona de grande fortuna. De que vale tudo isso se lhe falta o amor dos outros? Esse amor que transborda d'O GAIATO: entrega total aos mais desfavorecidos (dizemos nós... porque, muitas vezes, estou certo, os favorecidos são os que vivem mais infelizes...).»

Vale a pena referir, novamente, aquela senhora d'algures que, à moda dos primeiros cristãos, palmilha comunidades à sua volta e traz consigo muita gente para o Famoso. Afirma: «Pai Américo continua vivo junto de nós. Ainda há muitas almas boas que existem para fazer o Bem! Duma maneira discreta (não falem no meu nome) escrevam uma palavrinha sobre a maneira como me receberam em Frossos». Para além de tudo o mais que nos encanta — nesta doação — só resta acrescentar: não force seja quem for, pelo seu desmedido entusiasmo. Pode não dar fé..., mas o que interessa, primeiro que tudo, são leitores.

Viseu: «Hoje mesmo tive oportunidade de arranjar mais assinaturas e não quero deixar passar nem um só dia para lhes comunicar. Fiquei até muito surpreendida por não saberem que existia o nosso querido Jornal». Esta a razão de ser da procissão!

Topamos, por fim, um grupo de doze novos assinantes de Aljustrel.

Júlio Mendes

De Cartas

mente, mostra a outra face do problema — o muito amor que o Senhor coloca no coração daqueles que dedicam aos Pobres, às Crianças e aos Velhos a sua vida e os seus bens.

Assinante 4554»

«Só hoje envio a 'renda' fora do prazo: e foi a chegada do nosso O GAIATO que me fez recordar o atraso. Aliás o Famoso não só nos lembra, mas cada vez mais nos inquieta, nos põe a pensar e nos faz sentir pequeninos perante os testemunhos de almas grandes. Endereço os meus parabéns a todos os que fazem o transmissor da imorreidora mensagem evangélica, das orientações, ansiedades e vontades de Pai Américo, que dá ao mundo uma visão muito real da infelicidade que os pecados dos homens provocam nos mais débeis da sociedade; e também, feliz-

«Foi um ano de leitura sã e inquietante que me proporcionaram e isso não há dinheiro que pague! Só tenho pena que não sejam mais que estas quatro páginas quinzenais... Nesse sentido, gostava de a continuar pelos livros de Pai Américo. Só tenho 'De como eu fui...' e 'Correspondência dos Leitores'. Se pudessem fazer o favor de me enviar mais algum, muito grata ficaria.

Assinante 32239»

Padre Acílio

Notas da quinzena

Continuação da página 1

A Comunidade toma cuidado dos seus Pobres. É uma Comunidade viva que procura estar onde mais ninguém está. A Igreja é assim.

A Obra da Rua dá a mão, também. É aqui, o seu lugar. «Anda com quem anda».

A viúva tem a sua casa.

«Felizes os Pobres que o são em seu coração...»

Padre Manuel António



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp e imp offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898